

Artigo Original

ARTETERAPIA E A MULHER: RESGATE DO POTENCIAL CRIATIVO DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SEXUAL

ART THERAPY AND THE WOMAN: REGAINING THE CREATIVE POTENTIAL IN WOMEN VICTIMS OF DOMESTIC AND SEXUAL VIOLENCE

Melina Del' Arco de Oliveira¹⁵

Resumo

A violência contra mulheres é um desafio em debate há anos no âmbito de pesquisa nacional e internacional pois devasta física e emocionalmente muitas mulheres. O objetivo deste trabalho foi realizar uma intervenção grupal em Arteterapia com mulheres vitimizadas, visando ao resgate do potencial criativo com ampliação da percepção subjetiva sobre si e sobre a violência vivida. As participantes são vítimas de violência física, psicológica ou sexual provenientes de um Hospital Geral e seguimentos. Foram realizados 28 encontros semanais, cujas técnicas expressivas seguiram o Continuum das Terapias Expressivas (ETC), conforme a metodologia *Oficina Criativa®*. Essa pesquisa-intervenção de base qualitativa desenvolveu uma *análise compreensiva* das produções de uma participante (Estudo de Caso) à luz da Psicologia Analítica. Observou-se que o abuso/violência são geradores de um importante complexo estagnador da energia psíquica da mulher. O resgate do potencial criativo iniciou-se a partir de dois pólos: função *Eros* integradora (criativa) e função discriminadora de *Logos*. Estabeleceu-se uma nova relação entre a mulher vitimizada com seu masculino interno. Ao final do processo percebeu-se maior integração a partir de percepções novas, permitindo à mulher maior abertura ao contato com o outro e consigo mesma.

Palavras-chave: Arteterapia; Violência contra mulher; Psicologia Analítica.

¹⁵ Psicóloga graduada pela USP-RP, Arteterapeuta pós-graduada pelo Alquimy Art e pós-graduada em História da Arte pela FAAP-RP. A atuação profissional é no Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP-Ribeirão Preto no Serviço de Atendimento à Violência Doméstica e Agressão Sexual (SEAVIDAS), atuando também em consultório particular. Endereço: Florêncio de Abreu, 681 – 4º andar – Sala 410. Telefone: (016) 3013-3442/ (016) 9119-6628. E-mail melinadelarco@gmail.com.

Abstract

Violence against women has been a challenge scientifically debated for years in national and international scopes. It devastates many women both physically and emotionally. The aim was to regain the creative potential of victimized women through the broadening of the subjective perception about themselves and violence. The participants are victims of physical, psychological or sexual violence of a General Hospital. The group was held weekly, totaling 28 meetings. The expressive techniques were applied according to the Expressive Therapies Continuum, based on *Oficina Criativa™* methodology. The data analysis of the qualitatively intervention-research was done through the comprehensive analysis of the artistic production of a single participant (Case Study), under the Analytical Psychology approach. The abuse/violence generates an important stagnation complex of the woman's psychic energy. The regaining of the creative potential was initiated through two poles: *Eros* integration function (creative) and *Logos* discriminatory function. The beginning of a new relationship between the woman and her internal masculine was provided. At the end of the process it was noticed a better integration, through new perceptions, which allowed the woman a wider openness to the contact with the other and with herself.

Key-words: Art Therapy; Violence against woman; Analytical Psychology

Compreender o fenômeno da violência doméstica e sexual contra mulheres é um desafio em debate há anos no âmbito de pesquisa nacional e internacional pois seus números são expressivos e suas consequências têm devastado física e emocionalmente muitas mulheres.

Na região de Ribeirão Preto, um estudo de prevalência realizado com 265 mulheres usuárias de serviço de saúde constatou que 41,5% das mulheres sofreram ao

menos uma vez na vida violência psicológica, 26,4% sofreram violência física e 9,8% sofreram violência sexual, sendo que 45,3% referiram ocorrência de qualquer um dos tipos de violência (MARINHEIRO; VIEIRA; SOUZA, 2006).

A magnitude da violência contra mulher também se expressa a partir de importantes consequências para a saúde física e mental, bem como em múltiplas incapacidades sociais. As repercussões na saúde mental da mulher são principalmente a depressão, ansiedade, uso abusivo de álcool e outras drogas e tentativas de suicídio. Em relação à saúde física, as consequências se expressam em fraturas, hematomas, doenças sexualmente transmissíveis, sangramentos, abortos, insônia, desmaios, diarreias, asma, entre outras somatizações (HOLTZ, 1996 apud SCHRAIBER; D'OLIVEIRA, 2003).

A violência praticada contra as mulheres, atualmente, é estudada sob o signo de *Violência de Gênero*, na qual a mulher se constitui socialmente enquanto um ser subordinado (HEISE; ELLSERBERG; GOTTEMOELLER, 1999). As principais agressões são *físicas* (tapas, empurrões, queimaduras, tentativas de homicídio), *sexuais* (toques indesejados, assédio sexual, estupro, exibicionismo, voyeurismo) *psicológicas* (humilhações, privação de liberdade, impedimento ao trabalho ou estudo, ameaças de agressão) e *econômicas* (roubo, destruição de bens pessoais ou conjugais, recusa a pagar pensão alimentícia) (HEISE; ELLSERBERG; GOTTEMOELLER, 1999).

León (2001) afirma que os conceitos de gênero e empoderamento têm marcado a produção da teoria feminista. Ela afirma que no campo dos estudos de gênero, o empoderamento feminino é a ferramenta que poderá possibilitar à mulher se apropriar de seus direitos (porque também os conhece bem) e assim conseguir lutar por sua autonomia. A noção de poder inscrita no conceito de empoderamento seria “a capacidade de transformar a consciência própria e reinterpretar a realidade em que nos movemos” (LEÓN, 2001, p. 102).

A reinterpretação da realidade é fundamental para minar o processo de violência porque a mulher vitimizada diante do sofrimento apresenta grandes dificuldades em visualizar resoluções para o problema ou para lidar emocionalmente com ele, pois “o que torna uma situação traumática é um fator psicológico interno, são as fantasias envolvidas e relacionadas com tal evento” (SILVA; MARTINS, 2008, p. 58).

Espera-se que as contribuições da Arteterapia venham enriquecer a concepção do lidar com a violência doméstica e sexual por meio do enfoque terapêutico e das mediações artísticas. Ainda que na literatura existam escassos diálogos entre a Arteterapia e a mulher vitimizada, as Normas Técnicas de Uniformização dos Centros de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência (CRAMS) consideram a arteterapia como parte das atividades de diagnóstico aprofundado e atendimento à mulher (BRASIL, 2006) e este é um importante passo para integração desta atividade aos serviços de atendimento, independente de serem CRAMS.

A Arteterapia é um processo em que se utilizam diversos recursos artísticos com uma finalidade terapêutica e a Arteterapia fundamentada na Psicologia Analítica de Jung se farta dos recursos expressivos com o objetivo de permitir a expressão e comunicação de símbolos da energia psíquica, para que posteriormente sejam ampliados e integrados à consciência (PHILLIPINI, 2004).

O Símbolo seria a expressão de algo ainda não conhecido, inferido ou definido em palavras; é uma linguagem metafórica do inconsciente que apresenta os enigmas psíquicos. A imagem simbólica é um retrato da situação psíquica que engloba tanto os aspectos conscientes e inconscientes da personalidade pois o símbolo “é um sinal visível de uma realidade invisível” (KAST, 1994, p. 19).

Em Arteterapia com base na Psicologia Analítica pode se trabalhar com a *Amplificação* do símbolo. A *amplificação simbólica* objetiva permitir ao paciente ampliar a compreensão do significado de um símbolo por meio da utilização de modalidades

expressivas diversas: uma imagem expressa em um plano dimensional (desenho) pode ser transposta para um plano tridimensional (modelagem). A *amplificação* também pode acontecer ao aprofundar-se em uma mesma técnica expressiva (PHILIPPINI, 2004).

Nesse sentido, Jung (1971a) desenvolveu o conceito de uma função psíquica essencial ao processo de individuação relacionado à mediação estabelecida entre a consciência e o inconsciente, denominando-a como *Função Transcendente*. Esta função poderia estabelecer uma relação mais harmoniosa entre consciente/inconsciente permitindo a sua comunicação e síntese, possibilitando ao sujeito a tomada de novas atitudes e percepções; mas ele afirma que algumas pessoas podem apresentar dificuldades quanto à emergência e verbalização dos conteúdos e propõe que o processo seja facilitado por meio de recursos plásticos (JUNG, 1971b).

Jung (1971b), ao discorrer sobre a relação da psicologia analítica com a obra de arte poética, se propõe a falar sobre as bases do **processo criador**. Este autor (1976) também aborda o conceito de processo criativo a partir da *Função Eros*. Esta função constitutivamente é o princípio necessário para o estabelecimento de qualquer relação, sobretudo o relacionamento psíquico íntimo e para o estabelecimento da comunicação entre as instâncias de nossa própria psique. Consequentemente, *Eros* nos impulsiona ao relacionar-se verdadeiramente com o outro e com nós mesmos. Segundo Jung (1976), a *função Eros* pode iniciar processos de transformações psíquicas verdadeiras porque integra perfeitamente a inteligência e o afeto.

Em contrapartida, Jung defende que a criação é tanto destruição como construção e Hillman (1984) aprofunda este tema explicitando que o processo criativo é um processo inerente à alma e assim deve abarcar tanto os aspectos do “fazer alma” quanto os aspectos que “destroem a alma”. Quando o aspecto destrutivo da psique não é integrado ao processo terapêutico ele atua inconscientemente e a destrutividade é interpretada como algo que vem de fora e não encontra acolhimento, atuando alheia à consciência do

paciente e do terapeuta. Abarcar o todo significa aqui abarcar também o vazio, o demoníaco e o inibidor sob o aspecto do *daimon*: “a inibição e indireção pertencem a Eros, tanto quanto a destruição à criatividade” (HILLMAN, 1984, p. 71).

A alusão ao criativo em Hillman (1984) não é centrado no potencial criativo que diz respeito unicamente ao artístico; ele diz de uma das formas de manifestação do criativo que é a *criatividade psicológica*. Ele fala de *Eros* como aquele aspecto intermediário criador de um espaço próprio que engendra novos acontecimentos no mundo psíquico a partir da criação de uma realidade cheia de possibilidades imaginativas e estéticas.

No tocante ao complementar da *função Eros*, temos a *função Logos* que prima pelo conhecimento a partir da lógica e da discriminação e “implica interesse ativo, assertivo, intelectual, penetrante, objetivo” (SAMUELS, 1989, p. 251). Jung refere esses dois princípios do funcionamento psicológico como princípio feminino de *Eros* e princípio masculino de *Logos*, podendo atuar tanto em homens como em mulheres de modo que o equilíbrio entre esses dois princípios regulam o sentido que o indivíduo tem de si mesmo (SAMUELS, 1989).

Entretanto, Jung percebeu que a constituição psíquica de homens e mulheres tinha algo arquetipicamente pré-determinado e a partir de então desenvolveu os conceitos de *Anima e Animus*. *Animus* seria a contraparte masculina inconsciente presente na vivência íntima e subjetiva de cada mulher e *anima* seria a contraparte feminina inconsciente presente na psique de cada homem. Jung afirma: “uso os termos ‘Eros’ e ‘Logos’ meramente como meios nocionais que auxiliam a descrever o fato de que o consciente da mulher é caracterizado mais pela vinculação ao Eros do que pelo caráter diferenciador e cognitivo de Logos” (1982, p. 28).

Estes conceitos são bastante profundos e ainda carregam algumas controvérsias no tocante à correspondência diferenciada em gêneros masculino e feminino (SAMUELS, 1989; MURRAY, 2000), mas o que impera é que *animus/anima* são uma espécie de

psicopompo, um mensageiro que vincula o ego às camadas mais profundas do inconsciente, aproximando o indivíduo da grande experiência do si-mesmo (MURRAY, 2000).

A expressão positiva do *animus* é fundamental para que a mulher possa desenvolver a capacidade de discernimento, clareza, objetividade de pensamento e sentido de realização: “há um relacionamento funcional entre a mulher e o *animus* – ele a liberta – através da palavra, da força, da façanha do significado. Ele age como um impulso vivificador e ajuda-a a focalizar aquilo que quer e o modo de obter isso” (KOLTUV, 1990, p. 83). Jung, E. (1967) aprofundou os estudos sobre o *animus* representando-o como a força (dirigida), o ato, o verbo e o sentido, sucessivamente.

Além disso, *animus* e *anima* são arquétipos, mas podem se expressar autonomicamente, sobretudo quando atuam como um **Complexo**. A forma como a mulher lida com o seu *animus* pode se expressar negativamente e se apresentar como uma vivência complexada. Segundo Jung um “complexo afetivo é a imagem emocional e viva de uma situação psíquica fixa, incompatível com a atitude e a atmosfera conscientes habituais, e dotada de forte coesão interior, de uma espécie de totalidade própria e com um grau relativamente elevado de autonomia” (1975, p. 225).

Padrões de relacionamento infantil ou eventos da vida carregados de afeto devido a confrontos dolorosos podem se converter em *complexo*, como por exemplo, situações de violência. Assim, outros eventos da vida posterior podem ser vivenciados emocionalmente à luz do complexo constelado causando muita dor e gerando comportamentos estereotipados ou mecanismos de defesa enrijecidos pois o complexo se mantém no inconsciente e distorce a percepção da realidade. Dessa forma, o complexo negativo consome muita energia e vitalidade que poderia ser investido no próprio *eu* (KAST, 1997).

Jung, E. (1967) refere que o negativismo desta vivência complexada em relação ao *animus* pode se expressar na mulher a partir de sintomas como medo, insônia e nervosismo, dores de cabeça e problemas respiratórios, entre outros, como expressos por Koltuv: “sentir-se presa ou possuída, ou encontrar-se numa espiral furiosa, ou sentir-se terrivelmente vitimada, ou deprimida, perder o interesse pela vida, ter dor ou pressão, não conseguir respirar, sentir rigidez, dor ou tensão nas costas, no pescoço, nos ombros e na cabeça” (1990, p. 68).

Desta forma, o relacionamento com o masculino interno é fundamental para que a mulher vivencie a plenitude em seu desenvolvimento humano.

Objetivos

O objetivo deste trabalho foi desenvolver uma série de oficinas arteterapêuticas com a proposta de acolher mulheres vítimas de violência doméstica e sexual visando o resgate do potencial criativo das mulheres com a ampliação da percepção sobre si e sobre a violência vivida.

Percurso Metodológico

As cinco participantes deste estudo são mulheres vítimas de violência física, psicológica ou sexual. Duas participantes estavam sofrendo violência física (agressões corporais, socos, chutes) e psicológica (ameaças de morte e perseguição em caso de separação) por parte do parceiro íntimo e outras duas participantes haviam sofrido essas mesmas violências, mas não conviviam com os parceiros devido ao afastamento judicial e falecimento. Outra participante além de sofrer violência física, sofrera violência sexual, mas já havia se separado. Duas participantes referiram importante sofrimento mental configurado em um quadro de depressão e transtorno bipolar.

Elas apresentavam faixa etária entre 22 a 45 anos e procediam de um Hospital Geral, de uma Delegacia de Defesa da Mulher e de um Centro de Saúde Escola,

conforme parecer favorável (processo nº 6795/2009) do Comitê de Ética do Hospital para realização desta pesquisa e sob o consentimento das participantes.

Material e Métodos

Os materiais utilizados neste projeto foram de natureza expressiva. As **técnicas expressivas** proporcionaram recursos que permitiram às participantes se expressarem por meio de materiais plásticos tais como papel sulfite, papel cartão, lápis de cor, tinta, massa de modelar, cola, tecidos, linhas, entre outros.

As técnicas expressivas foram aplicadas conforme o “Continuum das Terapias Expressivas” (ETC - Expressive Therapy Continuum) (LUSEBRINK, 1990) que considera a formação da imagem e o processamento de informações em quatro níveis. Os três primeiros níveis, numa perspectiva desenvolvimentista, abarcam o nível sensório/motor (K/S) que acessa a sensação tátil ou outra sensação emergente da interação com o meio artístico, enquanto o perceptual/afetivo (P/A) atribui forma e define limites a partir da expressão, criando ordem. O nível cognitivo/simbólico (C/S) forma conceitos, atribui relações espaciais e verbalizações e o quarto nível, denominado Criativo (CR) perpassa todos os outros níveis, mas também pode se constituir como um nível particularizado (LUSEBRINK, 1990).

Procedimentos da Intervenção Arteterapêutica

As oficinas arteterapêuticas foram oferecidas semanalmente com duas horas de duração, sendo que o desenvolvimento das oficinas seguiu um modelo proposto por Allessandrini (1996), denominado *Oficina Criativa®* que também utiliza o ETC enquanto modelo conceitual de referência para o trabalho.

Procedimentos de Análise dos Dados

A análise de dados desta pesquisa-intervenção de base qualitativa foi feita a partir da *análise compreensiva* da produção artística de uma participante (estudo de caso) sob o referencial da Psicologia Analítica. Selecionaram-se do grupo original, fragmentos relevantes para apresentar aspectos que corroboram com a base teórica trabalhada.

Resultados e Discussão

As 28 oficinas desenvolvidas foram elaboradas conforme metodologia proposta e em função das *imagens simbólicas* (cheias de significados) produzidas a cada encontro, bem como *aspectos psíquicos* (emocionais e verbais) emergentes em função de determinado recurso/técnica utilizado.

Durante o processo duas participantes abandonaram o grupo, sendo que uma delas apresentava importantes sintomas depressivos e fora encaminhada para o acompanhamento psiquiátrico após o desligamento do grupo.

Estudo de Caso

O processo arteterapêutico será apresentado por meio do percurso vivencial de Rose (nome fictício). Esta mulher de 45 anos sofrera abuso sexual na infância e há cerca de cinco anos, meses após a separação, descobrira que o ex-marido abusava sexualmente de seus filhos – uma menina de 6 anos e um garoto de 10 anos (idade atual), o que reforçou a vivência do abuso. Ela casou-se três vezes, sofrendo violência física frequente visto que dois de seus parceiros era alcoolistas. Rose tem 6 filhos, mora sozinha e atua profissionalmente como cabeleireira.

Rose apresentou uma resistência inicial ao grupo trazendo sentimentos persecutórios e medo - indicadores de sofrimento psíquico e dificuldades no estabelecimento de um vínculo de confiança básica. É possível perceber que o acolhimento das outras participantes foi muito importante para sua adesão, inclusive porque à medida que as mulheres relatavam a situação de violência vivida, percebiam

que não eram as únicas a vivenciar esse sofrimento caladas e que ali poderiam se apoiar mutuamente.

As intervenções das próprias participantes foram intervenções bastante empáticas de quem sabe acolher a dor do outro porque reconhece claramente aquela dor. Percebeu-se também que a metodologia da intervenção em Arteterapia foi facilitadora da adesão das participantes ao proporcionar outras formas de expressão além da verbal.

No início do processo trabalhou-se com a *Imaginação Ativa* porque a participação do ego neste recurso sugere que as escolhas das imagens sejam feitas parcialmente de forma inconsciente, de modo que os dinamismos conscientes e inconscientes caminham juntos: “na *Imaginação Ativa* acontece uma resposta direta do inconsciente à participação consciente do ego”. (WEAVER, 1996, p. 16). O acesso ao nível simbólico aconteceu por meio da personificação de uma figura interior.

Na *Imaginação Ativa*, Rose visualizou uma mulher/maga e disse: “eu encontrei a maga e ela era parecida comigo, também tinha os cabelos curtos. Ela me deu um pacote que tinha um xale muito bonito, eu adorei o xale e já saí com ele. Vou sair daqui hoje e comprar um xale”. A participante relatou posteriormente que comprou o xale e nos momentos de forte angústia passou a se acolher com o próprio xale.

A fim de aprofundar este processo, pensou-se em dar corpo a essas imagens por meio da *Amplificação Simbólica* com a *Modelagem*, transpondo essas imagens do imaginário para a realidade palpável (figuras 1, 2 e 3). Este recurso pareceu ser adequado para essa finalidade porque é criado um objeto tridimensional que atua como testemunho da vivência e das mensagens do inconsciente (BOZZA, 2000).



Figura 1



Figura 2



Figura 3

Esta etapa do processo foi lenta e se deu por meio de várias oficinas nas quais as participantes apresentaram grande motivação e envolvimento. Ao final Rose disse que aquela mulher era um Eu dela mais divino, mais superior, e que estava com ela: “cada vez mais eu sinto que ela sou eu, está dentro de mim”. Isso elucida o fato dela ter confeccionado a maga com o xale; é como se ela tivesse confeccionado a si mesma.

Diante da imagem Rose se espanta e diz: “como que pode! Isso foi uma criação minha, veio de mim mesma... Eu fiz cinco anos de terapia e nunca consegui me ver dessa forma”. Ela sorri e diz que hoje via aquela maga como uma parte sua maior e mais divina. Rose estabeleceu com sua maga uma relação bastante criativa e íntima. Foi possível perceber que a expressão verbal que inicialmente vinha imbuída de dor e sofrimento pela violência vivida foi complementada por outras expressões de contentamento, surpresa e descoberta de novas possibilidades, inclusive pelas outras participantes.

Em seguida, foi proposta junto ao grupo uma vivência-ritual a fim de proporcionar a integração das experiências vivenciadas no grupo até então. Foi dito o seguinte às participantes: *a maga está convidando você para que possa escrever uma carta a ela, contando suas intenções, desejos e o que mais quiser lhe contar. A carta não será lida por ninguém... Escreva o que ela representa para você.*

Rose se reportou à constância do abuso em sua vida referindo que a fonte da dor não seria mais o abuso sexual e sim o que restou dele porque durante sua vida sempre esteve atenta e vigiou a possibilidade do abuso acontecer novamente, sendo que aconteceu aos seus filhos - fato que parece ter desencadeado importantes traços paranóides. Pode-se dizer que estes resquícios aludem ao abuso de se sentir invadida (psiquicamente) por medos e por sentimentos de estar em constante risco em função de uma vivência complexada em relação ao *animus*.

A fim de acolher esta demanda e visto que os aspectos destrutivos também devem ser acolhidos, estimulou-se que as mulheres se implicassem com a violência sofrida e pudessem se perceber melhor neste processo. Foi proposto nas oficinas sequenciais o trabalho com os *Contos de Fadas: O Barba Azul* de Charles Perrault e *A Moça Tecelã* de Marina Colasanti.

Na perspectiva junguiana os contos perpetuaram-se no tempo por desempenharem uma função psíquica muito importante relacionada ao processo de individuação, no qual o herói é o agente do processo. Todo conto de fadas traz a saga de um herói, seus desafios e suas superações. O herói é o restaurador de uma situação sadia, ele representa o modelo do ego que está trabalhando a serviço do *Self* (a totalidade do eu) (VON FRANZ, 1990).

Segundo Estés (1992) o Barba Azul (aquele que mata as esposas curiosas e desejosas de abrir a porta proibida) é uma figura interna que representa um “predador natural da psique” de cada um. A autora propõe a interpretação desse conto em função do assassinato simbólico da criatividade feminina. Esse tema pareceu adequado ao trabalho com mulheres vítimas de violência doméstica e sexual porque o agressor-predador pode ser também a própria força interna inconsciente que busca e encontra o predador externo. No entanto, o encontro com o predador real também pode potencializar o predador interno.

Estés (1992, p. 70) afirma que “embora possa ser o parceiro físico da mulher quem a prejudique e arrase sua vida, o predador inato dentro da sua própria psique concorda com isso”. Tem-se a atuação de um *animus* tirano, invasivo e violento. Muitas projeções são direcionadas ao externo (ao parceiro) isentando o ego de assumir a parcela daquele masculino agressor que está dentro de si. Isso vai ao encontro da trama simbólica apresentada por Marina Colasanti, na qual é a Moça Tecelã quem tece o próprio marido - aquele que a aprisiona e encarcera sua criatividade.

Dessa forma, foi sendo desenvolvido um trabalho com os personagens dos contos e os aspectos dos personagens que diziam respeito às participantes, principalmente em relação à heroína e ao Barba Azul. Foi interessante observar que algumas participantes alertavam as outras sobre comportamentos e atitudes a serem tomadas para o reconhecimento da violência, sobretudo em relação aos vários Barba Azul que existem por aí. Uma participante disse que sendo a mulher do Barba Azul jamais teria aberto a porta e descoberto que ele era um assassino de mulheres (a porta proibida é associada à consciência). Rose alertou essa participante sobre sua inocência e sobre o risco que se expõe ao não querer saber de fato quem é o seu marido.

Outras questões também foram debatidas no tocante ao *ciclo da violência* e o comportamento sedutor do parceiro – foram relatadas ocasiões em que seus maridos/ex-maridos explodiam em descontrole e agressão mostrando em seguida o arrependimento, proferindo promessas enganosas de amor e mudança de comportamento.

Por fim, foi sugerida a representação do Barba Azul que habitava cada mulher visto que o objetivo também era implicá-la na própria violência.



Figura 5

Rose expressou-se graficamente (figura 5) e escreveu: “Tá uma confusão, pensamentos vazios, dor como aperto, parece que eu não sou capaz... espaço novo a ser criado. Mais diante do novo eu entro em pânico... pensei que poderia falar e depois me expressar e é como se eu estivesse perdida sem saber como agir, então orei. Quando eu me perco ou me roubo, nada é claro, é muito confuso”.

Ela refere ter feito o desenho em preto para simbolizar que sua cabeça vai apertando, apertando quando sente confusão, medo, tensão, etc. E quando se sente assim começa a rezar bastante, representando tal fato com o círculo menor em tons de lilás, nomeado como bom.

As flechas pretas exercem uma força centrípeta e sugerem intensa pressão podendo ser associada a uma grande energia que se constela no centro da esfera e dali não tem para onde escoar. Essa imagem pode representar a vivência do masculino interno como agressivo e opressor, enquanto a imagem menor feita em lilás alude ao feminino mais agradável e curativo onde a energia poderia fluir, mas, no entanto ainda é incipiente.

Pode-se dizer que mediante o masculino agressivo/abusador o aspecto feminino enquanto função *Eros* e o impulso criativo expressam um diálogo mais empobrecido com

a psique mediante a atuação de um complexo autônomo relacionado a um *animus tirano* que aprisiona a mulher.

É possível perceber a atuação deste *animus* nos relatos de outras duas participantes que falaram sobre tensões, rigidez muscular e cefaléias constantemente sentidas mesmo após o término da violência. Isso pode ser corroborado por Koltuv (1990), que além destes, apresenta outros sintomas como dores no peito e dificuldades respiratórias.

A presença opressora também pode ser identificada pela baixa-estima dessas mulheres e dificuldade de confiar em si mesmas, além da recorrência de sentimentos de solidão, conforme relatado por elas. A vivência do abuso/violência parece engendrar um importante complexo gerador da reiteração da violência, estagnando a energia psíquica da mulher e impedindo-a de vivenciar relações de confiança e amor, conforme referido por algumas participantes.

Ao final do processo arteterapêutico, por meio de uma *Amplificação Simbólica*, foi proposto às mulheres tecer fio-a-fio as intenções endereçadas anteriormente à Maga, como se elas fossem *Moças Tecelãs* diante da oportunidade de tecer novos destinos para suas vidas (figuras 6, 7 e 8).



Figuras 6



Figura 7



Figura 8

Durante esta atividade, desdobrada em uma série de oficinas, as mulheres relaxaram e se soltaram bastante enquanto bordavam com linhas, miçangas coloridas,

feltro, fitas, etc. O vínculo umas com as outras e, sobretudo, com a pesquisadora foi aprofundado de modo que elas puderam compartilhar momentos pessoais, dúvidas, descobertas, se mostrando, assim, mais abertas ao contato.

Ao final do processo e a partir de uma situação pessoal dolorosa vivenciada, Rose disse que conseguiu ir até o fundo da sua dor e olhar para ela; diz que sentiu a dor do abandono possuindo-a inteiramente, mas tentou conversar com essa dor, e em meio a certo torpor teve vagas memórias de que a pessoa que a abusava ia visitá-la quando estava sozinha, e então, ao passo em que era abusada não se sentia abandonada, estava com alguém ainda que o abuso acontecesse. Ela diz que a dor maior não era a do abuso, era a do abandono, de quando a pessoa ia embora. Ela disse que chegar a estas conclusões foi muito importante pois percebeu que durante toda sua vida preferiu manter relacionamentos dolorosos e violentos à ver-se sozinha e não queria mais isso para si. Estas compreensões parecem estar associadas à apropriação da função *Logos*.

Pode-se dizer que durante o processo arteterapêutico a atuação do *Eros* foi favorecida pelo recurso expressivo que a todo o momento chamava a mulher a estabelecer uma relação consigo mesma, ora por meio da maga, ora pela esposa do Barba Azul, pela moça tecelã e pelo próprio Barba Azul. Essas figuras internas atuaram como mediadores no qual as mulheres puderam entrar em contato com forças de cura e aspectos de grande vulnerabilidade como a relação estabelecida com o masculino interno (*animus*). Discriminar e organizar essas forças e observar o impacto delas na vida cotidiana e na percepção da realidade foi um modo de estimular a função *Logos* no processo.

Considerações Finais

Conclui-se que a utilização de recursos expressivos num *setting* terapêutico é um caminho facilitador da atuação de *Eros* (aspecto criativo) porque uma região intermediária

é criada entre o psiquismo e a materialidade da expressão ao passo que essa região fornece intermédio para a comunicação entre as diferentes instâncias psíquicas.

A Arteterapia se mostrou como um recurso efetivo em vários aspectos porque a mulher pôde se perceber como sujeito criativo, capaz de criar algo com suas próprias mãos, sendo que as expressões verbais de sofrimento relacionadas à violência se complementaram com outras expressões que revelaram o contentamento por descobrirem essas nossas possibilidades de criação em si mesmas. Além de criar algo com suas próprias mãos, essa materialidade emprestou às mulheres uma maior capacidade de discernimento e clareza.

O fato do trabalho se realizar em grupo trouxe um importante fator terapêutico que é a troca, a empatia e o aprender com o outro: as intervenções das próprias participantes ao passo que foram empáticas e acolhedoras, se mostraram assertivas, alertando a comportamentos e atitudes de risco frente à situação de violência.

O medo de ser assombrada pelo predador que se generaliza para situações cotidianas da vida é também representado pela dificuldade em estabelecer relações de confiança e amor após o término da situação de violência. Tem-se atuação de um importante complexo relacionado ao *animus* negativo que esgota a mulher e empobrece o impulso criativo de *Eros* na psique, prejudicando inclusive os processos de discriminação e percepção da realidade, enquanto atributo de *Logos*.

O resgate do potencial criativo falava do resgate de algo que foi prematuramente vivenciado ou que nem sequer foi vivenciado e que diz respeito ao resgate de *Eros* e *Logos*. Pode-se perceber ao final do trabalho a criação de uma nova relação entre a mulher vitimizada e seu masculino interno: um feminino antes cativo ao masculino interno poderia ser liberto a partir dos novos meios de se relacionar engendrados pela *função Eros*, permitindo à mulher maior abertura ao contato com o outro e consigo mesma.

A Arteterapia grupal neste âmbito pode ser considerada uma importante tecnologia em saúde para lidar com esta problemática enquanto recurso de tratamento porque ela favorece a criação de um setting suave e protetor para abordar a violência enquanto um tema ríspido e ameaçador. O setting pode atuar como um *temenos*, do grego: lugar sagrado e protegido, no qual as mulheres podem dialogar intimamente com suas figuras internas, potenciais criativos e feridas da vitimização de modo que o centro da consciência – o ego – é protegido.

É muito importante pensar no cuidado a esse centro dado a grande fragilidade egóica resultante e atuante em processos de vitimização. Uma vez que a linguagem verbal é mais próxima ao ego-consciente e pode ser sentida como mais ameaçadora, o trabalho com imagens simbólicas e recursos expressivos pode suavizar o processo de ampliar a percepção sobre si de modo que o ego caminha junto ao inconsciente.

Por fim, é importante dizer: ainda que se extinga a situação de violência física, psíquica ou sexual, os esforços devem ser empreendidos em termos do acompanhamento psíquico destas mulheres, sobretudo em função da degradação de sua saúde mental.

Data de recebimento: 14 de Julho de 2010.

Data da primeira revisão: 12 de Setembro de 2010.

Data de aceite: 29 de Setembro de 2010.

Referências

ALLESSANDRINI, C. D. **Oficina criativa e psicopedagogia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

BOZZA, M.G. G. Argila: Espelho da Auto-Expressão. **Arte-Terapia: Reflexões**, v. 4, n. 3, 2000.

BRASIL, Presidência da República. **Norma Técnica de Uniformização – Centros de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência**. Brasília, 2006.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que Correm com os Lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

- HILLMAN, J. **O Mito da Análise**. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1984.
- HEISE L., ELLSBERG M., GOTTEMOELLER M. Ending violence against the women. **Popul Rep L**. n. 11, p. 1-43, 1999.
- JUNG, C. G. **Mysterium coniunctionis**. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1976.
- _____. **A Natureza da Psique**. Petrópolis: Vozes, 1971a.
- _____. **O Espírito na Arte e na Ciência**. Petrópolis: Vozes, 1971b.
- _____. **O Homem à Descoberta da sua Alma**. Porto: Tavares Martins, 1975
- _____. **Aion – Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo**. Petrópolis: Vozes, vol.2, 1982.
- JUNG, E. **Animus e Anima**. São Paulo, Cultrix, 1967.
- KAST, V. **A dinâmica dos símbolos - Fundamentos da psicoterapia junguiana**. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- KOLTUV, B. B. **A Tecelã – Ensaio sobre a Psicologia Feminina extraídos dos Diários de uma Analista Junguiana**. São Paulo, Cultrix, 1990.
- LÉON, M. El Empoderamento de las mujeres: Encuentro del primer y tercer mundos em los estudios de género. **La Ventana**, n. 13, p. 94-106, 2001.
- LUSEBRINK, Vija. **Imagery and Visual Expression in Therapy**. New York and London: Plenum Press, 1990.
- MARINHEIRO, A. L. V.; VIEIRA, E. M.; SOUZA, L. Prevalência da violência contra a mulher usuária de serviço de saúde. **Revista Saúde Pública**. v. 40, n.4, p. 604-10, 2006.
- MURRAY, S. **Jung: O Mapa da Alma**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- PHILLIPINI, A. **Cartografias da Coragem: Rotas em Arte Terapia**. Rio de Janeiro: Clínica Pomar, 2004.
- SAMUELS, A. **Jung e os Pós-Junguianos**. Rio de Janeiro: imago, 1989.
- SILVA, J. G.; MARTINS, P. S. Atendimento a grupo de crianças vítimas de violência. In **Jung e Corpo**, v. 8, n. 8, 2008.
- SCHRAIBER, L. B.; D' OLIVEIRA, Ana Flávia P. D. **O que devem saber os profissionais de saúde para promover os direitos e a saúde das mulheres em situação de violência doméstica**. Disponível em:
- http://www.redesaude.org.br/BCOTXT/cartilha_violencia.pdf, 2003. Acesso em: 10 fev. de 2010
- VON FRANZ, M-L. **A Interpretação dos Contos de Fadas**. São Paulo: Paulus, 1990.
- WEAVER, R. **A Velha Sábia – Estudo sobre a Imaginação Ativa**. São Paulo: Paulus, 1996.